



PERSONA

## NILDA SPENCER: A DAMA DO TEATRO E SEU INTENSO CAMINHAR PELO TEMPO

*NILDA SPENCER: THE LADY OF THE THEATRE  
AND HER INTENSE PATH THROUGH TIME*

*NILDA SPENCER: LA DAMA DEL TEATRO  
Y SU INTENSO CAMINAR EN EL TIEMPO*

MARCOS UZEL

---

UZEL, Marcos.

Nilda Spencer: a dama do teatro e seu intenso caminhar pelo tempo.  
Repertório, Salvador, ano 24, n. 37, p. **9-22**, 2021.2

DOI: <https://doi.org/10.9771/rr.v1i37.47170>

## RESUMO

A vida e a arte da inesquecível atriz Nilda Spencer (1923-2008) é o tema deste perfil, que se junta às primeiras homenagens pelo centenário de nascimento da artista, a ser completado em 2023. Nascida em Salvador, Nilda foi uma das pioneiras do curso de artes cênicas da Escola de Teatro da UFBA. Atuou em 50 espetáculos, fez vários trabalhos no cinema e virou um símbolo das vivências culturais da Bahia no século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:**  
memória; teatro; Nilda  
Spencer.

## ABSTRACT

*The life and art of the unforgettable actress Nilda Spencer (1923-2008) is the subject of this profile associated with the first tributes to mark the artist's 100th birth anniversary to be made in 2023. Born in Salvador, Nilda was one of the pioneers of the performing arts at the Federal University of Bahia Theater School. She acted in 50 shows, did several works in cinema and became a symbol of the cultural experiences of Bahia in the 20th century.*

**KEYWORDS:**  
*memory; theater; Nilda  
Spencer.*

## RESUMEN

*La vida y el arte de la inolvidable actriz Nilda Spencer (1923-2008) es el tema de este perfil asociado a los primeros homenajes al centenario del nacimiento del artista que se realizarán en 2023. Nacida en Salvador, Nilda fue una de las pioneras de las artes escénicas en la Escuela de Teatro de la Universidad Federal de Bahía. Actuó en 50 espectáculos, realizó varios trabajos en cine y se convirtió en un símbolo de las experiencias culturales de Bahía en el siglo XX.*

**PALABRAS CLAVE:**  
*memória; teatro; Nilda  
Spencer.*



## APRESENTAÇÃO

**APROXIMA-SE O CENTENÁRIO** de nascimento de uma das personalidades icônicas das artes cênicas da Bahia: Nilda Spencer (1923-2008), a artista eternizada no imaginário de gerações como a dama do teatro baiano. Com sua personalidade marcante, ela construiu uma teia de relações tão farta e diversa em seu trânsito social que se transformou no modelo de uma grande anfitriã das vivências culturais na Salvador do século XX. Tornou-se a atriz cartão postal de uma cidade, um farol das artes, referência simbólica de uma cultura.

O centenário se completa em 2023, mas as homenagens já foram iniciadas com o lançamento do livro *Nilda: a dama e o tempo* (Edufba, 2021, 287 páginas). Escrevi essa biografia para documentar a trajetória longa e bem-sucedida da figura carismática que soube conduzir tão bem os caminhos da atriz que ela carregava dentro de si desde a infância, gritando para ganhar asas e se notabilizar. Nascida na capital baiana, Nilda atravessa a fase infantojuvenil saboreando os devaneios de uma intensa paixão pelo cinema, combustível que lhe estimula a assumir a carreira artística na conservadora província soteropolitana dos anos 1950.

Cinéfila desde criança, ela chega a criar um alterego, a personagem Mary Katie, a pequena diva hollywoodiana, fruto do seu fascínio pelo arquétipo da estrela construído pelo cinema americano. As fantasias do telão são decisivas para que

Nilda amplie as suas possibilidades de existência no mundo e se permita ir além da vida de esposa, mãe e socialite. O habitat dessa nova fase de vida é a Escola de Teatro da UFBA, um dos espaços que fizeram parte do projeto do reitor Edgard Santos de estreitar a sintonia do ambiente universitário com a modernidade. Fundada em 1956, pelo diretor Martim Gonçalves, a instituição firma-se como lugar de excelência na formação de artistas.

A partir do ingresso na turma pioneira da Escola de Teatro, Nilda pincela com novas tintas o seu cotidiano. O modelo de relação conjugal que assume com o geólogo americano Julius Spencer não lhe aprisiona em amarras matrimoniais. Ela preserva uma independência incomum à época de forte repressão à liberdade das mulheres. A jovem pianista de educação refinada, que na década de 1940 chega a realizar pequenos concertos na Venezuela e nos Estados Unidos, passa também a atuar no universo das artes cênicas, a desfrutar dos prazeres da noite e do gosto pela boemia. Comporta-se como alguém que está à frente do seu tempo, mas opta por uma estratégica combinação de condutas, permitindo-se viver com liberdade entre a tradição e a transgressão.

Nilda atravessa sua existência mantendo um nível de identificação profundo com o palco. Preserva o interesse potente pelo trabalho até o corpo sucumbir aos limites impostos pela velhice. A capacidade de conciliar atividades múltiplas faz com que ela estabeleça um vínculo de 25 anos com a Escola de Teatro, onde ocupa as funções de professora de dicção e expressão vocal, diretora, tradutora e chefe de departamento. Além de consolidar uma carreira de fôlego, exerce papéis importantes na vida cultural de Salvador. Mas, nessa linha do tempo, também precisa se impor diante do machismo latente de uma sociedade moralista e hipócrita ao ingressar no mundo das artes. Ser atriz na província da década dourada era um tabu que ia de encontro às atividades nobres para moças de “boa família”.

A atitude resistente de Nilda para sobreviver aos preconceitos se sustenta no enfrentamento sem litígios e na sua capacidade diplomática de se manter em circuitos sociais tão diferentes entre si sem abrir mão dos próprios desejos. A mulher que faz teatro nos anos 1950, num período em que ser artista do palco era sinônimo de vida mundana, consegue subverter estigmas e consolidar uma imagem pública respeitável. Em 1969, ela é eleita a primeira rainha dos artistas

da Bahia, na edição inaugural do Baile das Atrizes, no Teatro Vila Velha. E sabe fazer jus à faixa, ao cedro e à coroa no percurso criativo que a consagra como uma dama do teatro.

Nilda Spencer estreia oficialmente como atriz, aos 32 anos, dentro de um templo católico no centro da capital baiana. Em novembro de 1956, ela entra em cena no interior da Igreja de Santa Tereza para atuar no *Auto da Cananeia*, obra do dramaturgo português Gil Vicente, sob a direção de Martim Gonçalves. Nesse início de carreira, a artista não se intimida de se expor em espaços alternativos ao palco italiano. Faz teatro de rua com o grupo A Barca, trupe de alunos e professores que formam a primeira companhia teatral da UFBA. Num gesto ousado para o moralismo da época, permite-se subir nos ônibus do percurso entre o bairro do Canela e a Praça da Sé, para entreter os passageiros com leituras dramáticas, ao lado de outros calouros do curso de artes cênicas.

Durante a inauguração do Teatro Santo Antonio, em 1958, destaca-se na encenação de Martim para *Senhorita Júlia*, um clássico de Strindberg, no papel da criada Cristina. No mesmo espaço – hoje Teatro Martim Gonçalves –, revela ao grande público sua face performática ao dublar com humor a ária *Summertime*, da ópera *Porgy and Bess*. O ator Mário Gusmão se junta ao *happening* irreverente. De fraude e mamadeira, deita-se no colo da dubladora, sob os aplausos do reitor Edgard Santos, que faz questão de subir no palco para cumprimentar a dupla.



## A DIRETORA PIONEIRA

Nesses primeiros anos, Nilda não demora a tomar consciência do teatro como um projeto de vida. Entrega-se à aptidão, sem deixar de compreender que o ofício exige trabalho duro. Disciplina, insistência, domínio técnico, formação intelectual e paciência são recursos assimilados com rigor no seu vocabulário artístico. É quando entra em cena o italiano Gianni Ratto para dirigi-la no espetáculo *As Três Irmãs*, de Tchekov, na temporada fértil de 1958.

Nilda ouve do diretor um ensinamento que passa a repetir como um mantra ao longo da carreira: atores e atrizes não devem se sentar durante os ensaios.

Enquanto se mantém de pé, adere a enredos sem se preocupar com as regras de bom comportamento dos conservadores da época. Incansável, atua, no mesmo ano, na comédia de costumes *A Almanjarra*, de Arthur de Azevedo, na pele de uma personagem casada que tem um amante no período da *belle époque* do Rio de Janeiro. A encenação de Antonio Patiño tem a supervisão geral de Martim Gonçalves, com quem Nilda trabalha em dez espetáculos. Um dos mais importantes desse repertório é *Calígula*, de Albert Camus, exibido em 1961, nos escombros do Teatro Castro Alves, ainda devastado por um incêndio. Ela assume o papel da imperatriz romana Cesônia, a mulher de Calígula, interpretado pelo ator Sérgio Cardoso.

Antes, devido ao histórico escolar e à fluência no inglês, ganha uma bolsa de estudos e tem a grande oportunidade de cursar uma pós-graduação na Central School of Drama and Speech, na Inglaterra, no final dos anos 1950. Outra chance de ouro lhe conduz, na mesma viagem, a fazer radionovelas na BBC de Londres. Tudo isso dilata os horizontes dessa mulher de temperamento cosmopolita, que passa a manter contato com culturas diversas, através de experiências em outras cidades, como Nova York e Paris.

Depois de se formar no curso de artes cênicas, Nilda Spencer substitui Martim Gonçalves, em 1961, na direção da Escola de Teatro. Primeira mulher a dirigir a instituição, ela tenta preservar os alicerces sólidos erguidos pelo seu antecessor, que deixa a Bahia após ser alvo de uma campanha difamatória promovida pela imprensa local. Mas as dificuldades são muitas. A Escola sofre forte abalo financeiro com o fim do patrocínio da Fundação Rockefeller, uma conquista da gestão anterior. As verbas caem de forma radical. O reitor Edgard Santos encerra o mandato e seu substituto Albérico Fraga é um enigma para o futuro das artes na Universidade. Além disso, o Brasil está perto de sofrer um golpe militar que instala uma ditadura no país.

Nilda não está sozinha na empreitada desafiadora de dirigir a Escola de Teatro num período tão turbulento. Além de lhe dar um suporte artístico importante para levar à frente os projetos da casa, o professor e diretor Luiz Carlos Maciel não deixa que a atriz se afaste dos palcos. Reeleita em 1963, ela cumpre novo mandato,

mas também é escalada por Maciel para viver duas personagens bem diferentes entre si: a aristocrata decadente Lady Britomart Undershaft – matriarca de uma família sem pai no enredo bélico de *Major Bárbara*, de Bernard Shaw – e uma das ciganas sertanejas da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

Não demora, porém, para a realidade brasileira ser atacada pelos chumbos da repressão militar, levando o ambiente universitário a ser alvo de forte vigília política. Em meio às sombras de 1964, a diretora da Escola de Teatro é pressionada a expulsar da instituição alunos de artes cênicas que militavam contra o governo. A autoridade acadêmica cede à chantagem, mas também se arrisca a participar de planos de fuga de pessoas ligadas a movimentos de esquerda, perseguidas pelos repressores. De acordo com testemunhas da época, ela usa seu próprio automóvel para conduzir esses militantes em direção a pontos estratégicos de Salvador, como a Avenida Contorno, para que eles pudessem sair da cidade pelas águas da Baía de Todos os Santos.

É no meio de toda essa tensão que Nilda Spencer estreia um dos espetáculos mais significativos de sua carreira. No mesmo ano do golpe militar, a atriz é escolhida pelo encenador Carlos Murcinho para protagonizar *A Falecida*, de Nelson Rodrigues. Única personagem rodrigueana do seu repertório, a obsessiva Zulmira, de perfil lúgubre, lhe desafia a mergulhar no contexto suburbano, universo distante de sua realidade social. Elogiada pela crítica num dos acontecimentos teatrais do ano na capital baiana, a atriz fecha o ciclo de uma temporada de sucesso. Na sequência, ainda participa do espetáculo *8 Mulheres*, de Robert Thomas, dirigida pela dama carioca Dulcina de Moraes, uma das maiores estrelas da história do teatro brasileiro.



## ADESÃO AO UNDERGROUND

No período em que a ditadura radicaliza sua violência com a implantação do AI-5, Nilda está no palco com um novo trabalho. Sem se acovardar, ela desafia a censura, em 1968, ao aceitar o convite do diretor Orlando

Senna para interpretar um homem na peça *A Companhia das Índias*, de Nelson de Araújo. Num passo ousado em época de tortura e assassinato de presos políticos, a atriz veste o figurino composto de terno e gravata, coloca um enorme bigode postiço e acolhe as metáforas sobre o país contidas num texto alegórico que critica os conchavos e as estratégias reacionárias dos jogos de poder. O elenco, porém, só consegue permanecer em cartaz por dez dias, saindo de cena por imposição dos censores.

Quanto à atriz, continua se desafiando cada vez mais. Tanto que aceita o convite do jovem cineasta André Luiz Oliveira e finalmente faz a sua estreia oficial nas telas de cinema no filme *Meteorango Kid – Herói Intergalático* (1969), um marco cult erguido sob as trevas do regime militar. Ela chega ao telão não como uma estrela hollywoodiana dos sonhos de criança, mas através da corajosa adesão ao *underground* baiano. Mais uma vez, Nilda demonstra admirável capacidade de circular pela arte sem preconceitos e de abraçar o novo nas experiências artísticas e nas relações com as pessoas. O contato com a geração do cinema marginal também lhe conduz ao elenco de *Caveira my Friend* (1970), de Álvaro Guimarães. Esses trabalhos experimentais tornam evidentes o quanto ela passa a correr mais riscos, a partir da fase pós-Martim Gonçalves.

Nos palcos, a participação ativa de Nilda Spencer se reflete na farta quantidade de peças que ela encena na década de 1970. Nesse período, a atriz fortalece o interesse pelo exercício da versatilidade e pela parceria com encenadores que utilizam o teatro como ferramenta de expressão política. É a fase em que vai ganhando intimidade com o ambiente criativo de dois espaços expressivos de resistência à ditadura. No Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA), encena com o grupo residente Teatro de Cooperativa a montagem *A Exceção e a Regra*, de Brecht, selando o primeiro encontro cênico com o diretor Ewald Hackler. No Teatro Vila Velha, atua no espetáculo *GRRRrrrr!*, com texto e direção de João Augusto.

Com repertório cada vez mais variado, adere à proposta do encenador Haroldo Cardoso de unir textos de Molière e Martins Pena, dois especialistas em usar o humor como sátira dos costumes. Da combinação surge a montagem *Dotó Roda sem Título*, dedicada, em especial, ao público estudantil. Ainda na década de 1970, protagoniza a revista musical *Nosso Céu Tem Mais Estrelas*, do diretor Deolindo



Checcucci, cuja concepção bebe na fonte do tropicalismo ao misturar carnaval, chanchada e teatro de revista, dentre outras referências da sua paródia cênica sobre americanização e brasilidade.

A maior transgressão artística de Nilda Spencer, nesse período, é se despir de preconceitos para acolher os artistas jovens, seja a irreverência de Checcucci ou porta-vozes do cinema marginal na Bahia, sem se acomodar no conforto de um teatro cordial. Está no palco quando reacionários atiram bombas juninas no elenco de *GRRRrrrr!*. Já em *A Exceção e a Regra*, é sua personagem que dá voz ao discurso político de Brecht contra a opressão de classe. Seria injusto, portanto, excluí-la da lista dos que se opuseram à repressão através da arte. Sem pudores com a imagem, também não se inibe de interpretar uma personagem lésbica em *O Assassinato da Irmã Geórgia*, de Frank Ulrich Marcus, outro momento de ousadia nos anos 1970. A peça entra em cartaz no Teatro Gamboa, onde a intérprete encena um triângulo amoroso entre mulheres ao lado das atrizes Jurema Penna e Hebe Alves, sob a direção de Eduardo Cabús.

A frutífera década de 1970 inaugura, ainda, outro dado expressivo na carreira de Nilda: a intimidade com as personagens de Jorge Amado. No teatro, ela usa seu carisma habitual na peça *Quincas Berro D'Água*, dirigida, em 1972, por João Augusto (a atriz retorna ao mesmo texto, em 1995, numa encenação do diretor Paulo Dourado). No cinema, integra o elenco do fenômeno de bilheteria *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1976), do diretor Bruno Barreto, assistido no Brasil por mais de 10 milhões de espectadores. A personagem Dinorah, a vizinha de Dona Flor (Sonia Braga), é o papel de maior destaque no seu repertório cinematográfico.

Um ano depois, chega ao circuito o longa-metragem *Tenda dos Milagres*, do diretor Nelson Pereira dos Santos, adaptação da obra homônima de Jorge Amado. A atriz vive uma mulher de atitudes progressistas, a Condessa de Água Brusca, chamada pelos mais próximos de Zabela. Essa senhora de sotaque afrancesado completa a galeria de papéis representados pela artista no contexto cinematográfico dos anos 1970. São personagens que transitam entre a exuberância, a simpatia e a extroversão, características que desaparecem dos tipos que ela dá vida no telão durante a fase idosa. As mulheres que interpreta em produções audiovisuais dos anos 2000 pertencem a uma classe social situada na linha de

pobreza, cuja personalidade possui traços de amargura (a viúva Raquel do filme *Eu Tu Eles*, de Andrucha Waddington) e de introspecção (perfil da empregada Dona Plácida em *Memórias Póstumas*, de André Klotzel).



## A VITALIDADE NA VELHICE

Nilda Spencer vai reafirmando naturalmente a sua representatividade na cultura baiana. Não por acaso, a equipe de *Dona Flor e seus Dois Maridos* lhe dá o carinhoso apelido de “prefeita de Salvador”, ao perceber a sintonia de comunicação da atriz com o povo de sua terra natal. Nas páginas do romance *O Sumiço da Santa*, de Jorge Amado, ela aparece retratada como a anfitriã bem relacionada e de grande influência nos ambientes culturais da Bahia. É uma associação bastante coerente com a identidade social de uma artista modelo de mulher baiana, uma espécie de cartão postal das artes cênicas de um lugar festivo e acolhedor, traduzido pelo entusiasmo de estar vivo. É com essa vitalidade que a dama envelhece sem sair de cena. Em 1981, período em que volta a ocupar um cargo de direção na Universidade, atua no espetáculo *Seis Personagens à Procura de um Autor*, clássico de Pirandello levado ao palco por Harildo Déda. Apesar dos compromissos acadêmicos, Nilda aceita a convocação de Déda para interpretar a cafetina Madame Pace, na peça que inaugura a Companhia de Teatro da UFBA. A dona de bordel se sobressai com a vermelhidão de seu figurino exuberante em meio às celebrações dos 25 anos da Escola de Teatro. Na mesma companhia teatral, a atriz participa de mais dois espetáculos lançados nos anos 1980: *Caixa de Sombras* (texto de Michael Cristofer e direção de Harildo Déda) e *Tango* (encenação de Ewald Hackler para a peça de Slawomir Mrozek).

Em pleno gozo da sua vitalidade produtiva, a dama chega à década de 1990 com muita disposição. Brinda-nos com a escolha dos versos eróticos, satíricos e sarcásticos do poeta Gregório de Mattos gravando, em 1996, o CD *Boca do Inferno*, em que recita 20 poemas com sua voz apurada em anos de experiência com trabalhos de dicção e técnica vocal. No ano seguinte, é convidada para participar da segunda

encenação do diretor Marcio Meirelles para a peça *A Mais Forte*, de Strindberg, dividindo o protagonismo com Yumara Rodrigues, outro ícone dos palcos. Os jornais anunciam a parceria entre as duas atrizes como um encontro de titãs em cena.

Mas o grande momento artístico da dama nos anos 1990 ainda está por vir. Chega, um ano depois, pelas mãos de um jovem em início de carreira. É pensando na longevidade dos artistas Nilda Spencer e Wilson Mello que Paulo Henrique Alcântara escreve e dirige a comédia sentimental *Lábios que Beije*, dando a novas gerações de espectadores a oportunidade rara de ver em cena duas figuras memoráveis do teatro na Bahia. Aos 75 anos, Nilda brilha num espetáculo que reafirma o prestígio e a inteireza de uma atriz que apresenta ao público um corpo cênico no qual está inscrita toda a riqueza de suas vivências artísticas. Um corpo ordenado e disciplinado pela maturidade, capaz de promover, através da arte, o que Grotowski (1987) define como um encontro potencializado com a vida.

Todo esse jorro de vitalidade é transposto para o seu último espetáculo teatral, com o qual comemora 45 anos de trajetória artística. A festa acontece, em 2001, na estreia de *Ensina-me a Viver*, de Colin Higgins. Proponente do projeto dos seus sonhos, Nilda finalmente consegue viver a personagem que tanto lhe encantou no cinema, protagonizando a encenação dirigida por José Possi Neto. A peça permanece em cartaz até 2003. Isso significa que ela, aos 80 anos, ainda está no palco, dando voz à desprendida e anárquica Maúde, envolvida numa história de amor com um jovem de 19 anos com personalidade introspectiva e lúgubre.

O derradeiro investimento numa peça de teatro (aos 82, ela ainda interpreta Dona Canô num espetáculo de dança da Ebateca) reafirma a intensidade da paixão de Nilda Spencer pelo trabalho e a sua luz num corpo fragilizado pela idade avançada. No livro *A velhice* (1970), a filósofa francesa Simone de Beauvoir nos fala sobre o brilhantismo próprio de quem chega aos últimos anos de vida tendo atravessado a existência sem temor de correr riscos. É isso que Nilda faz. Arrisca-se sem medo. Não se acomoda na estabilização da imagem cristalizada da dama do teatro.

Ela não se contenta em ser a senhora atriz de passado admirável. Quer ir além do papel da guardiã de uma arte. Está mais para uma plebeia, operária do ofício, sempre disposta a se renovar. Investe sua energia física e mental na memorização

de textos, nos laboratórios de preparação para os espetáculos, nas horas de ensaios, nos sets de filmagem, nas sessões de fotos, entrevistas, temporadas teatrais e viagens em turnê. A dama quer viver o presente.

Envelhece realimentando a sua atuação como uma agente cultural. Segue em diálogo com os artistas jovens; assume o posto de conselheira estadual de cultura; escreve por três décadas uma coluna no caderno de cultura da *Tribuna da Bahia*; prestigia os espetáculos dos colegas de ofício; faz questão de marcar presença em premiers e vernissages; não perde uma badalação social; recebe homenagens públicas e trabalha, trabalha, trabalha... Graças à longevidade artística, seu corpo cênico aprende a lidar com as reações da musculatura, da coluna vertebral, das articulações.

Mesmo frágil pelo avançar da idade, esse corpo permanece atuando com o espírito em estado de plenitude. Tudo isso nutre, através do teatro, a sua declaração de amor à vida. Entre a fragilidade física e a liberdade da alma, Nilda navega assumindo no palco o lugar que lhe pertence. E pisa com bravura nesse território. Até que a natureza avisa que não dá mais para continuar e lhe convoca a fechar o pano. Aos 85 anos de idade e quase 50 de dedicação às artes, Nilda Spencer se despede da vida com a leveza de um passarinho. Sai de cena eternizando seu espaço na história do teatro na Bahia com as marcas da insistência, da constância e da profunda alegria de viver.

### *Trechos da biografia*

*É interessante constatar a naturalidade com que Nilda Spencer se coloca nesse patamar de liberdade ao ponto de não sentir a necessidade de ostentar uma posição não conservadora diante dos outros. Não é preciso anunciar, sublinhar. Ela simplesmente vive. Realiza-se ao longo de gerações assumindo o comando de sua própria vida com um interesse muito próprio em sua teia de relações. Reserva-se o direito de ir para onde quiser no momento que preferir, mas não se descompromete com núcleos tradicionais de interação social. Ao circular entre o conservador e o libertador, assinala uma atitude não preconceituosa diante de formas diversas de estar no mundo. (UZEL, 2021, p. 20-21)*

A metáfora do renascimento desenha o percurso de uma mulher sem amarras, bem resolvida no convívio com a Nilda mais tradicional que não morre dentro dela. Nesse caso, renascer significa somar. No mesmo habitat da Senhora Spencer com perfil de dama de sociedade, surge a artista sedenta dos prazeres do mundo, que revê a noção de liberdade ao optar pelo teatro, redimensiona seu espaço na esfera pública e envelhece sem abrir mão das escolhas que faz. Seu neto Ricardo Spencer sintetiza numa frase a impressão deixada pela avó: 'A imagem que tenho dessa dicotomia é a de que ela não sofreu em momento algum com isso'. (UZEL, 2021, p. 79-80)

*É surpreendente sua presença no trânsito de Salvador, inclusive à noite, a essa altura da vida. Prudente, a atriz opta por dirigir o seu Corsa prata sempre na via de menor velocidade e, na medida do possível, procura se posicionar atrás de um ônibus, sem jamais ultrapassá-lo. Alguns motoristas se irritam, mas ela coloca a mão esquerda para fora do carro e gesticula para que eles ultrapassem. A cada parada do ônibus, pisa no freio. É uma maneira de se sentir mais segura. Como faz ao longo da vida. Cautelosa, mas corajosa na condução da trilha, num esforço para que a frase 'viver um dia de cada vez' seja um lema cotidiano. (UZEL, 2021, p. 256-257)*



## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. *A velhice: as relações com o mundo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

GROTOWSKI, J. *Em busca do teatro pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

UZEL, M. *Nilda: a dama e o tempo*. Salvador: Edufba, 2021.

**MARCOS UZEL:** é professor, jornalista e escritor com doutorado em Cultura e Sociedade e pós-doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA). Atualmente cursa, no PPGAC-UFBA, o seu segundo doutorado. É autor dos livros *Nilda: a dama e o tempo*, *O teatro do Bando*, *A noite do teatro baiano*, *Guerreiras do Cabaré* e um dos organizadores da coletânea *Poéticas de Marcio Meirelles* (em parceria com o professor Paulo Henrique Alcântara).